Cantinho da Suzy

Por: Suzy Custodio

Pelicarpo

Continuação da semana passada...

O Pelicarpo nem sequer quis contar à mãe o que o irmão contou, com medo que o Josué ía ficar zangado. Mas o instinto de mãe alertou a Deusa. Ela viu logo pela cara do filho que algo não estava bem. A Deusa ía descobrir o que se passava com o Pelicarpo. Afinal era o dever da mãe para resolver os problemas dos filhos. Era coisa mais natural deste mundo para fazer isso. Assim que ela apanhou o Pelicarpo sozinho, a Deusa chegou perto do filho.

"Então filho, o que é que se passa contigo? Andas aí com uma cara tão miserável..."

O Pelicarpo demorou a responder, porque não queria, por nada, contar à mãe o que o Josué tinha lhe dito. Mas a Deusa persistiu.

"Vá lá, filho... conta-me o que se passa... não tenhas vergonha ou medo..."

Como a mãe não deixava o Pelicarpo em paz, ele resolveu contar-lhe tudo. 'O Josué podia ir às favas'. O Pelicarpo precisava de desabafar, e não havia pessoa melhor do que a mãe que podia ajudar-lhe. Não havia pessoa melhor que o compreendia tão bem como a mãe.

"Ó mãe, o que eu tenho para contar é coisa séria!"

"Então, filho, conta-me. Sabes que podes falar comigo sobre qualquer coisa. Estou aqui para ajudar-te."

"Eu sei, mãe. Mas tenho medo de chocar-te, ou pior, ... posso acabar por assustar-te!!!"

A Deusa não gostou nada do que o filho estava a dizer. Pela conversa do filho, ela cheirou intrigas de moços. Desconfiada, a Deusa continuou a fazer perguntas ao filho, porque queria saber mais.

"Pelicarpo, tu não me enganas. Eu sei que algo muito estranho anda a passar. Será que um dos teus irmãos andam-te a chatear?"

"Não mãe!..."

"Será mesmo? Ou será que não queres dizer-me a verdade."

A Deusa não se convencia. 'Devia ser coisa bastante séria, que andava a preocupar o Pelicarpo. Mas que raio! O que seria!'

"Prontos! Já estou a ficar zangada! Ou tu contas o que se passa contigo, ou vou perguntar aos teus irmãos!"

Isso era a última coisa que o Pelicarpo queria que acontecesse. Não houve outro remédio. Ele foi obrigado a contar a verdade.

"Está bem. Eu conto tudo."

Com isto, o Pelicarpo contou à mãe o que o Josué tinha dito sobre o garoto da Raposeira. A Deusa não gostou nada disso. O Josué devia ser mais responsável. Afinal o Josué é mais velho do que o Pelicarpo. 'Que raio de moço! Não tinha piada nenhuma, assustar o irmão dessa maneira. Devia ter mais juízo do que isso'.

Continua na próxima semana ...

«O ALVIÃO», O LIVRO E A FESTA

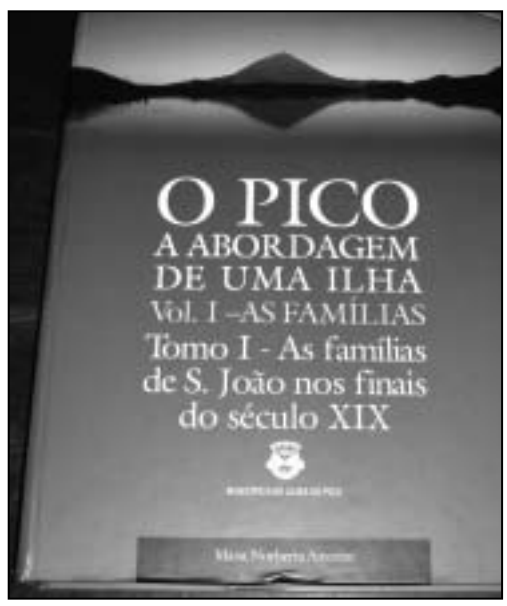
Estes três acontecimentos marcaram a semana que passou na Ilha Montanha, com maior relevância para a Festa de Santa Maria Madalena, realizada na Vila fronteira. Por outro lado e no aspecto cultural, a inauguração d' «O Alvião» e o lançamento do livro «Pico a abordagem de uma Ilha», foram marco histórico na progressiva e culturalmente mais evoluída freguesia do concelho das Lajes.

No passado dia 20, o povo da laboriosa freguesia de São João, assistiu à inauguração da Sede d' *«O Alvião» - Associação para a Salvaguarda do Património de São João.* A Filarmónica Recreio dos Pastores, marcou presença, bem como o seu Rancho Folclórico. Na Sessão Solene, em primeiro lugar falou a Presidente do Município Lajense e é dessa fala que saliento estes parágrafos: « Este é mais um espaço cultural em São João e estou confiante que a população desta freguesia saberá zelar por ele. A salvaguarda do património cultural é uma tarefa colectiva: ninguém poderá desempenhá-la sozinho; porém, ninguém deve demitir-se do seu contributo individual. Nesta matéria, a freguesia de São João tem sido exemplar. A dinâmica das suas colectividades: a Filarmónica Recreio dos Pastores, quase centenária, a Casa do Povo, o Grupo Folclórico, as Irmandades do Espírito Santo, entre outras, são a prova dessa consciência colectiva e o fruto da dedicação e do trabalho voluntário de muitos cidadãos desta Freguesia, de entre os quais destaco o José Armindo Gonçalves. A seguir a Presidente da colectividade, Cisaltina Cardoso, tomou a palavra para dizer nomeadamente: «O Alvião» nasceu em Abril de 2000. Um dos projectos realizados com bastante sucesso foi sem dúvida o lançamento do vídeo «Pico a Ilha da Montanha», em Março passado. A nova sede passa a ser de todos. Para ter a porta aberta precisa de toda a gente. O objectivo número um é divulgar o património local e servir as pessoas. Quando as pessoas se esforçam, se empenham e trabalham fazem o que está à vossa vista. Fizeram isto em 15 dias».

Mas para identificar melhor o que é «Alvião, reproduzo as palavras escritas pela pena do Dr. Alberto Correia e insertas no boletim número um, editado por aquela colectividade: «O Alvião, não é mais ferro de lavrar. Agora são as mãos e é o coração da gente de São João. E é a esse destino de salvaguarda das memórias que nós chamamos património. Quaisquer que sejam as memórias. Materiais ou imateriais. Currais de vinha, poços de maré, tanques que recebiam do céu a água doce, casinha rasteira, uma adega, moinho de vento, um império, igreja paroquial ou capela, danças de Chamarrita, histórias contadas pelos lobos do mar, o jeito das mãos de mulher fiando a lã das sueras, as romarias à volta da ilha, a água servida num púcaro aos romeiros que passavam a caminho de S. Mateus para rezar diante do Bom Jesus Milagroso. Porque elas explicam toda a história dessa cadeia de gerações que leva quinhentos anos. Basta olhar. Basta sentir. Porque depois tudo ganha uma alma, deixa-se aos filhos, não morre mais.» Fim de citação.

Depois seguiu-se no Salão do Espírito Santo da Companhia de Baixo o lançamento do livro da Dra. Maria Norberta Amorim, intitulado *«O PICO A ABORDAGEM DE UMA ILHA Vol.I – AS FAMÍLIAS* Tomo I – As Famílias de S. João nos finais do século XIX». Abriu a sessão a Presidente da Câmara das Lajes do Pico, Sara Santos e a seguir o Dr. Alberto Correia, ex-Director do Museu de Viseu, apresentou a obra. Deste trabalho, gentilmente cedido pelo conferencista ao representante do nosso jornal, salientam-se estas passagens: «Norberta Amorim escreveu um livro carregado de verdade, um livro de história suportado por alicerces de profundo rigor que pode ler-se, no entanto, com a facilidade e o gosto de um autêntico romance...As duas partes distintas do livro que se completam entre si, oferecem como em espelho, o retrato de S. João emoldurado por mais de um século de história...Entre os dois mistérios que lhe ficavam de fronteira mantinham-se e resistiam os dois lugares da freguesia, a Companhia de Cima e a Companhia de Baixo, como que por milagre do esforço de seus filhos e a ajuda em cada ano agradecida do Espírito Santo, a terra toda apropriada entre o mar e a base da montanha onde o alvião chegara, como se fora gigantesca andaina...Entre o mar e a montanha, ambos temidos e amados como deuses de povos antigos, a gente de S. João inventou seu paraíso... Cada um desta terra, pode ir buscar, neste livro, os nomes dos avós longínquos, pode sentir o crepitar do lume num lar familiar cozendo o bolo, pode sentir o bater seco do bico do alvião, o fio de uma foice cortando o brejo... Na segunda parte, no fim ficamos a saber que muitos, pouco ou nada mais têm do que a casa. Terão então de oferecer os seus braços como roçadores. Ou partir como emigrantes. Outros vendem queijo ou lenhas que um barco vem buscar para trazer milho da Ilha vizinha...Onde foi Norberta Amorim beber esta informação toda? Ela própria diz no seu livro que «a maior sistemática memória colectiva de S. João encontra-se nos seus registos paroquiais de baptizados, casamentos e óbitos», valiosíssimo instrumento que a autora já utilizara para desenhar o curso demográfico da paróquia ao longo de três séculos...O trabalho da Norberta Amorim, não é só, como ela diz na Apresentação, um mero exercício de preservação da memória e de enraizamento como portador de secreção cultural e equilíbrio emocional! Se o fosse tão só, isso bastaria para justificar tão grande esforço. É que este inventário de memórias integra, tal qual como esse património que se guarda nos Museus, essa tríplice função de se constituir como elemento de ins-trução, de educação e de deleite.»

Distico com o Alvião, na sede.



Livro da Doutora Norberta S. Amorim.

A Doutora. Norberta Amorim, vivamente emocionada, pronunciou breves palavras de agradecimento.

O Rancho Folclórico da Casa do Povo de São João, apresentou a seguir alguns números do folclore Picoense, que foram bailados «no terreiro» em frente ao Salão, para gáudio de todos os presentes.

Outro acontecimento, mas com cariz sócio-cultural-religioso, foi a *Festa de Santa Maria Madalena.* Desde o passado dia 21 a Vila da Madalena, a mais próspera e dinâmica Vila Picoense, está em Festa, homenageando a sua Padroeira. De distinguir o novenário que antecedeu o dia da Festa, muito concorrido e participado por muitos fieis, vindos de toda a parte, principalmente do Canadá e dos Estados Unidos da América do Norte, que trazem sempre outro colorido e simpatia a esta Festa, quer queiramos quer não reconhecê-lo. O novenário foi pregado pelo Pe. Adriano Borges de Santa Maria e a Solene Concelebração foi presidida por D. Arquimínio Ro-drigues da Costa, Emérito Bispo de Macau. A procissão foi muito participada e apenas teve um senão, a chuva, que fez a sua aparição durante o percurso habitual, mas ninguém arredou pé. No tocante à parte cívica, a Associação de Desenvolvimento Cultural da Madalena do Pico (ADCMP), preparou um programa deveras ambicioso, que preencheu estes cinco dias de Festa. Destacamos no dia da padroeira o famoso conjunto rock «Xutos e Pontapés», no dia 23 o agrupamento «A Fúria de Açúcar», no dia imediato o conjunto brasileiro «Swing Brasil» e ontem a apóteose final foi para o conjunto «Coca-Cola Portugal a Cantar 2004» e o espectáculo Piromusical, sempre muito aplaudido e aguardado por muitos milhares de forasteiros que procuraram os caminhos da Vila Fronteira.

Para a semana outros acontecimentos terão lugar nesta Ilha Maior e deles faremos uma resenha para os nossos leitores.

Até para a semana, se...

Deus quiser!